REVISTA DA ANPEGE. V. 18. Nº. 36 — ANO 2022 E-ISSN: 1679-768X 25
DOI 10.5418/ra2022.v18i36.16430

ENTREVISTAS PRIMORDIAIS:

CLAUDE RAFFESTIN

Raquel Fulino
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Campus Rio Claro
rfulino@yahoo.com.br

Ao Prof. José Gilberto de Souza,

Meu mestre e amigo.

Apresentação

Entrevista realizada em fevereiro de 2018, na residência do Professor Claude Raffestin em Genebra (Suíça), na ocasião de meu estágio de pesquisa de mestrado.



Claude Raffestin foi Professor Honorário da Universidade de Genebra, desenvolvendo, ao longo de mais de quarenta anos, centenas de artigos e dezenas de livros sobre a questão do poder, da territorialidade humana e dos elementos teóricos, de método e também ideológicos que atravessam a geografia humana. Participou ativamente do movimento de renovação da Geografia na década de 1980, tendo sua principal obra "*Por Uma Geografia do Poder*", traduzida em diversas línguas, o esteio central de suas reflexões. Estabeleceu inúmeras pontes de diálogo com intelectuais das mais diversas áreas do conhecimento, desde a linguística à ecologia política, sempre ampliando o campo de suas intervenções teóricas na ciência geográfica. A influência do filósofo francês Michel Foucault, que tornou-se, inclusive, correspondente direto na elaboração de alguns de seus textos, é notória em seu pensamento, mas não exclusiva: o trânsito de autores como Georges Balandier, Henri Lefebvre, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Karl Marx, sinalizam a complexidade tramada por esse autor franco-suíço nas problemáticas que envolvem

o fenômeno político e as mais variadas dimensões espaciais da realidade objetiva. Claude Raffestin é ainda um grande admirador da literatura alemã e latinoamericana, especialmente autores como Thomas Mann, Hermann Hesse, Rainer Maria Rilke e também do argentino Jorge Luís Borges e Gabriel García Marquez.

A entrevista

Raquel Fulino. Antes de refletirmos sobre as questões conceituais e teóricas que construíram seu pensamento na Geografia humana, eu gostaria que o senhor me falasse de sua formação acadêmica, por que o senhor escolheu a Geografia como disciplina?

Claude Raffestin. Bem, eu fiz, originalmente, uma licenciatura em ciências econômicas e sociais, na qual eu estudei estudos relacionados à Geografia, mas também história e economia. De qualquer modo, minha titulação foi em ciência econômica, embora eu tenha feito meu doutorado em Geografia. Após me formar, eu me voltei para o ensino, no secundário... É necessário ganhar essa vida, hein?!... E preparei, portanto, depois de minha licenciatura, uma tese, uma tese sobre geografia industrial, um estudo sobre geografia econômica, um ensaio sobre a indústria genebrina. Como eu trabalhava aqui [em Genebra], eu não podia ficar me deslocando, então eu escolhi um tema sobre Genebra. E, dez anos depois, em 1968, após a defesa de minha tese, que foi bem acolhida, eu fui para a universidade.

Raquel Fulino. Como professor?

Claude Raffestin. Sim, desde 1968, eu leciono na universidade e, evidentemente, eu tive chances, porque eu não tinha ainda muitas publicações naquela época, e eu pude trabalhar, a pesquisar, mais facilmente depois de estar lá dentro.

E por que eu escolhi a Geografia? Primeiramente, porque eu venho de uma família que não era rica e eu não tive possibilidade de fazer os "estudos longos", ou seja, eu não podia prolongar indefinidamente meus estudos. Mas, à parte disto, evidentemente, eu lia muito, eu sempre li muito, o que me ajudou a trabalhar em muitas direções, mas estas coisas eu fazia por curiosidade, por interesse... E, desde a minha tese, eu comecei a trabalhar... Hm, como dizemos em inglês...? Agora, eu não me lembro o termo, mas, desde o início de minha formação, eu pude me confrontar com numerosas disciplinas conectadas, que me deu, imediatamente, uma perspectiva um pouco generalista e um gosto por coisas bastante diferentes.

Nos anos de 1970, eu me interessei muito pela linguística. Nós a encontramos nos meus trabalhos, há razoavelmente muito elementos que tocam a linguística, o que não era muito comum para o meu tempo. Eu tive a sorte de ter um colega, que eu gostei muito, nos tornamos amigos, ele já faleceu... Um colega da Faculdade de Letras, que era professor de linguística, era o Prieto, Luis Prieto... Naquele tempo, nós éramos muito próximos.

E eu também me interessei pela filosofia e, basicamente, após a leitura dos trabalhos de Foucault, eu me dei conta que, para renovar a geografia política, era necessário tentar encontrar um meio de abordar o poder de uma outra maneira que não fosse somente através do Estado. E, então, em Foucault, eu encontrei esta teoria, esta ideia do poder que vem "de baixo", pelo trabalho. E eu comecei a trabalhar nesta direção, é o que deu a "geografia do poder".

Raquel Fulino. Eu gostaria de insistir, antes de entrar nas questões teóricas, propriamente, eu gostaria de entender melhor como a Geografia marcou sua visão de mundo. Ou se este caminho foi inverso...

Claude Raffestin. Acho que não entendi bem sua questão...

Raquel Fulino. Veja, a crítica é um elemento central no seu pensamento, na sua Geografia...

Claude Raffestin. Sim...

Raquel Fulino. ...no sentido de conduzir à desnaturalização das relações de poder.

Claude Raffestin. Sim, absolutamente.

Raquel Fulino. ... Além disto, o senhor comentou, que precisou "ganhar à vida", mencionou a condição social de sua família...

Claude Raffestin. Ah, sim!

Raquel Fulino. Existe alguma relação entre sua visão de mundo e a maneira de pensar e fazer Geografia?

Claude Raffestin. Ah, sim; claro, claro! Veja, em primeiro lugar, é necessário saber que, para mim, toda, toda Geografia, no sentido dos resultados dos estudos, dos discursos... [breve pausa] Veja, eu diferencio sempre a Geografia na qualidade de geoestrutura, ou seja, aquilo que é dado pela realidade, e aquilo que nós dizemos desta geoestrutura, que é o geograma. Tudo o que vem de nós, é o geograma. Isto quer dizer que nós fazemos representações desta estrutura, do real. Então, é evidente que se, a geoestrutura em-si é sempre a mesma, ela não é a mesma para você, não é a mesma para mim. Pode ser que ela seja a mesma, mas o sentido final nós não sabemos.

Raquel Fulino. Talvez em alguns aspectos, não sabemos.

Claude Raffestin. Sim, sim. Mas o que eu quero dizer é que eu sempre recusei sistematicamente a ir em uma direção que me parecia muito evidente. O que me interessava era seguir direções pouco ou não exploradas e encontrar outras formas de explicação, outros embriões de modelos. Você leu meu livro ["Por Uma Geografia do Poder"] e sabe o que penso sobre a crítica; não tem o sentido pejorativo que muitas vezes aporta... E o que me parece na geografia humana é que quase nunca tivemos correntes críticas. Isto pode soar como blasfêmia, hein?!... Mas é provavelmente uma das disciplinas das ciências humanas menos críticas. Falta crítica, no sentido filosófico do termo, o que explica muito a ausência de geógrafos

nos grandes debates contemporâneos do mundo. Os geógrafos tem uma lamentável tendência a ser aquilo que Hilary Putnam denomina de "externalistas", ou seja, pessoas que escolheram colar um conceito sobre uma coisa mais do que construir um sistema conceitual da realidade. Os geógrafos permanecem na geoestrutura. Quando nós temos uma abordagem externalista, a capacidade crítica é fortemente diminuída. A Geografia foi marcada pela ideia do "campo". É por isto que nós somos externalistas trágicos e é provavelmente um dos maiores problemas da geografia humana.

Raquel Fulino. Mas o senhor também não concorda que separar totalmente estas duas dimensões, geoestrutura e geograma, tem seus problemas?

Claude Raffestin. Claro, totalmente.

Raquel Fulino. Como separar totalmente as funções da consciência e a materialidade...

Claude Raffestin. Veja, quando eu escrevi alguns textos sobre a história da Geografia, eu utilizei muito um filósofo alemão, Hans Blumemberg, você o conhece?

Raquel Fulino. Não, desculpe.

Claude Raffestin. Blumemberg é o autor de uma obra magnífica que se intitula, "O riso da servente de Trácia". É a história de uma passagem de Thales de Mileto, que estava passeando em uma tarde e, quando olhou as estrelas, em meio às suas meditações astronômicas, caiu em uma fossa, um buraco... E sua servente o ridicularizou. Para Blumemberg, esta é uma ilustração da divisão entre teoria e prática, uma oposição que a Geografia participa. Assim que começarmos a fazer um pouco de teoria em Geografia, vamos enfrentar críticas terríveis... Especialmente se não temos a mesma visão de mundo...

Raquel Fulino. Como assim?

Claude Raffestin. É evidente que... Eu venho... Eu fui criado pelos meus avós em Paris... Eu nasci em Paris. E meus avós eram trabalhadores. Eu venho de um bairro pobre... E, então, é evidente que eu tenho sempre olhado a realidade com os olhos um pouco críticos, hein?!

Raquel Fulino. Sim, compreendo.

Claude Raffestin. E para estabelecer minha crítica, eu estudei história da filosofia, estudei as teorias sociais, estudei o pensamento filosófico ocidental, hein?! E, então, é claro que minha visão é uma visão da crítica social, é a visão da denunciação de ideologias, a visão da desalienação das relações sociais. Indubitavelmente! Eu não quero dizer, com isso, que eu não tenho uma ideologia; naturalmente, eu tenho uma ideologia, mas eu quero dizer que minha crítica para a Geografia é esta... Eu sou [breve pausa]... Eu considero que toda Geografia é geografia no sentido de geograma, e o que fazemos dessas representações é naturalmente ideológico... E toda Geografia é política.

Raquel Fulino. Claro.

Claude Raffestin. Então, é evidente que minhas origens tiveram uma intervenção importante na minha visão de mundo, e minha visão de mundo é, portanto, uma visão de mundo de esquerda. Lamento se esta não é a sua [risos].

Raquel Fulino. [risos] Eu me interesso por suas reflexões na Geografia, é evidente que eu seja de esquerda, sem dúvida... Se eu entendi bem o que é "à esquerda".

Claude Raffestin. Veja, eu acredito que é preciso estar consciente que temos sempre uma problemática de base. Uma problemática, ou seja, um meio de colocar em evidência as coisas e torná-las conscientes. E aquilo que a censura positivista fez há muito tempo na Geografia, ou nos geógrafos, foi não os deixar conscientes de suas problemáticas [pausa longa]. Podemos, então, dizer o mesmo para os externalistas, ou seja, para as pessoas que estabeleceram, sem correspondência, as palavras e a realidade material, as palavras e as relações. Havia, evidentemente, uma correlação, mas mais atenta ao objeto da Geografia e não às relações que a Geografia poderia explicar.

Raquel Fulino. Eu não sei se entendi uma coisa.

Claude Raffestin. Sim...

Raquel Fulino. O senhor mencionou a ausência de correntes críticas na Geografia. Poderia me explicar melhor?

Claude Raffestin. Talvez isto pareça um exagero agora. E, de fato, como estou aposentado, não sei como as coisas estão agora. Mas, veja... Há alguns anos, nós fizemos em Genebra uma obra sobre geopolítica. Você sabe que eu sempre diferencio geopolítica e geografia política, hein?!

Raquel Fulino. Sim...

Claude Raffestin. ...A "geografia do poder" é uma tentativa de renovação da geografia política, hein?!

Raquel Fulino. Sim...

Claude Raffestin. Estamos de acordo, hein?! Então, nós fizemos uma obra sobre as origens e a história da geopolítica, ou seja, uma análise crítica a partir de textos alemães, italianos, espanhóis e ingleses, tendo como objetivo mostrar o que é a geopolítica. Constatamos, portanto, que na Europa, a partir da primeira crise do petróleo, nós voltamos à uma utilização sistemática do termo "geopolítica". Isto na Europa, no Brasil, eu não sei... O que Josué de Castro fez foi uma "geografia política" sobre a temática da fome.

Mas o que eu gostaria de dizer é que criticar, para mim, significa identificar algo em relação a um conjunto de questões. Na abordagem crítica, há sempre um processo de identificação. Eu não compreendo, por exemplo, o entusiasmo pela geopolítica. Eu posso compreender que tenha havido um interesse em servi-la, já que ela exprime relações de força e não relações de poder. O que faz a geopolítica que se

apresentava com Gérard Chaliand ou a que ainda se apresenta na Heródote? Ela é a mesma que se fazia nas escolas de guerra, isto é, da estratégia, mas que se diz "à esquerda". Uma abordagem que se interessa unicamente pela violência e, é para mim, o contrário daquilo que eu chamo de crítica identificatória.

Raquel Fulino. Em relação à sua trajetória na Geografia, o senhor se considera fundador de uma escola de pensamento, pelo menos em Genebra?

Claude Raffestin. Na realidade, quando eu observo um pouco o que eu fiz, a lista de artigos que escrevi, existe um certo número de pontos fixos que eu reencontro em momentos diferentes. Meu problema sempre foi tentar elaborar uma teoria na Geografia que permita discutir os eventos do mundo em curso. Isto significa que eu não desejei unicamente encontrar uma "grade de leitura", como dizemos atualmente, sobretudo na geografia política. Eu busquei um sistema no qual... Eu busquei um rigor de pensamento que exigia uma disposição à uma teoria geral... É isto o que eu intentava, mesmo que eu o tenha alcançado de maneira muito imperfeita. Assim, eu não me considero fundador de uma escola de pensamento, e, na verdade, eu nunca tive esta ambição. Como eu já disse, eu busquei refletir através de caminhos não-majoritários na geografia humana, e alguns alunos refletiram estas questões comigo... Alunos de Genebra e alunos que saíram da França para pensar mais "livremente", como [Jean-François] Staszak e também seu tutor, Bernard [Debarbieux], que foram meus alunos.

Raquel Fulino. Eles saíram da França para pensar "mais livremente"? O que isto significa?

Claude Raffestin. [risos] Você vai entender em breve... Pergunte à Juliet [Fall]... Leia o que ela escreveu sobre a geografia francesa do meu tempo... As coisas ainda não mudaram por lá, eu não tenho dúvida disso. Para que você tenha uma ideia, todo mundo fala da teoria social francesa, do que os franceses escreveram para as ciências humanas, isto e aquilo... Foucault, por exemplo, era lido em todo o mundo nos anos de 1960 e 1970, menos na França, controlada pelos catedráticos...

Raquel Fulino. E aqui em Genebra?

Claude Raffestin. Aqui nós tivemos a oportunidade de conversar com os anglo-saxões, com os italianos, com os latino-americanos... Preservamos um ambiente, digamos, mais aberto...

Raquel Fulino. Podemos falar um pouco mais sobre seu projeto em torno de uma teoria geral?

Claude Raffestin. Claro, claro... Quando você afirma que há, em meus textos, uma tentativa de construir um projeto nomotético em Geografia, está totalmente verdadeiro, ainda que eu creia não tê-lo alcançado. De fato, através da Geografia, e com a ajuda da linguística e da semiologia, eu pesquisava algo que me permitia "enquadrar" a Geografia; como a biologia é um pouco enquadrar pela genética. Com a abordagem relacional do poder, eu busquei, na Geografia, uma explicação do conhecimento da prática e do conhecimento que os homens tem da realidade material que denominamos Terra. O objeto não era o espaço tal como é, mas as relações que as sociedades estabelecem com o espaço; daí surge minha concepção de territorialidade.

Raquel Fulino. As insuficiências que o senhor assinala na sua tentativa de construir um sistema de pensamento na Geografia, elas derivam de onde? Das hipóteses iniciais ou das incapacidades dos geogramas de representar o conjunto das situações do real?

Claude Raffestin. Veja, os conceitos devem ter um valor absolutamente prático.

Raquel Fulino. De acordo.

Claude Raffestin. Eu busquei efetivamente um sistema, mas eu não acredito em sistemas... Não no sentido de que possa haver um esquema de pensamento que se aplique sobre a geoestrutura. Mas eu tive necessidade desta preocupação do sistema para me assegurar de que o que eu estava dizendo não era tão incoerente. Eu não diria jamais: veja, meu sistema de pensamento... Eu acredito unicamente em um sistema interior de reflexão. Isto me permite observar a evolução da arquitetura de tudo o que eu fiz, como uma arqueologia, e ter um pensamento crítico. Quando eu tomo, por exemplo, o sistema cartográfico, é difícil distinguir a sintaxe da semântica, isto é, os significantes e os significados, por isso a cartografia que estudei com [Charles] Hussy foi tão importante para construir o sistema territorial...

Claude Raffestin. Como assim?

Raquel Fulino. É difícil distinguir o signo e o significado nos mapas, são imediatos, e é isso o que eu buscava... Pontos, linhas, superfícies foram elementos desde sempre utilizados nos sistemas sintáticos da cartografia, na gramática gráfica dos territórios... Esta é uma boa pista de reflexão para continuar a "geografia do poder"...